

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director, Antonio de Carvalho Cyrne
Redactor e Editor, Thomaz Rocha dos Santos
Administrador, Antonio Dantas
Redacção e Administração, Rua do Payo Galvão, 70

Propriedade da Empresa
DOS
Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesse
68, Rua do Payo Galvão, 72
GUIMARÃES

Recenseamento eleitoral

O extravio de um misero *linguado* deu em resultado ficar incompleto o nosso artigo editorial do passado domingo. Os raros leitores que porventura tenhamos, se a elle dispensaram a sua attenção, facilmente verificariam que, se estabelecemos premissas, nenhuma conclusão tiramos.

E' o que procuramos hoje fazer. Disseemos que a *nação Portuguesa precisa de provar não só que está viva, como que é digna de viver; que é necessario provar que o banditismo que a governa, ou antes desgoverna, é apenas uma especie de bertoeja que sómente lhe macula a pelle.*

Para isso, não podendo recorrer á revolução, graças aos pontos estrategicos que a republica occupa nos correios, nos telegraphos, nos caminhos de ferro, no exercito e na armada, um só recurso nos resta: demonstrarmos cabal e irrefutavelmente que é simplesmente pela violencia que a odiada republica se sustenta.

Para isso não temos maneira mais efficaz do que fazermos-nos recensear todos os que tivermos direito ao voto e depois disputarmos as eleições dos corpos administrativos, e as eleições geraes, no caso, já se vê (e que aliás é bastante provavel) que a Liberdade e a Fraternidade do regimen, não colloquem as coisas de maneira que seja uma indignidade concorrer com elles no campo da legalidade. Admittamos no entanto que uma rajada de bom senso os leva a deixar aos monarchicos o campo desembaraçado de maiores estorvos, á livre expansão do seu pensamento e dos seus sentimentos; imaginemos tambem que os monarchicos acabam por se convencer, á maneira de Achilles, que vale mais um dia de honrada vida, que uma longa existencia de vergonhas, e se decidem a deixar o medo em casa, e a arriscarem um pouco as suas commodidades e quiça, a sua vida, e accorem ás urnas na disposição de fazerem vingar as suas opiniões e os seus direitos, e verificaremos um facto que, por ser muito natural, nem por isso deixa de ser extraordinario: o de, em um paiz que se diz republicano, os corpos administrativos e legislativos serem compostos de cidadãos monarchicos, porque, não se illudam os republicanos, não se illudam os tibios monarchicos, numa eleição feita á sombra da liberdade e da legalidade, os republicanos poderiam triumphar em Lisboa, talvez tambem no Porto, muito duvidosamente em Coimbra, apesar de infestada da peste carbonaria, e nada mais, absolutamente nada mais.

E' preciso que os monarchicos se convençam de que, se, por exemplo em Guimarães, floresce uma camara democratica, é unicamente porque o conservantismo achou melhor abdicar da sua força, do que arriscar uma minima parcella do seu commodismo, e porque um supposto socialismo que para ali existe era de tal modo fraco que, se conseguiu pôr-lhe estorvos, elles não foram

taes que lhe impedisse o triumpho. E o que aconteceu aqui, aconteceu em todas as outras terras do paiz. Uma entidade qualquer só triumpho quando tem influencia, e que influencia poderão ter esses pobres homens que para ali estão na camara, entre os proprietarios espoliados, entre os negociantes arruinados, entre os industriaes coagidos a toda a especie de transigencia com os operarios?

Não queremos dizer que elles tenham desempenhado muito mal o seu papel—jamais o facciosismo nos levará a negar que alguma coisa de util tenham feito (se oportuno ou não, é um caso á parte); simplesmente queremos salientar que se ali estão affrontando os sentimentos monarchicos da quasi totalidade dos habitantes do concelho, é por culpa exclusiva d'estes, que não pela força da sua influencia.

Urge portanto expulsá-los dos logares que indevidamente occupam, aqui e em toda a parte. E' necessario que todos se convençam que só pela criminoso tolerancia dos monarchicos se aguentam as instituições republicanas. E' pois tempo de reagir energicamente, no unico campo que fica livre ás nossas reivindicações. E' preciso que os monarchicos *atem as mãos ao seu vão receio*, e que pensem que se a ré publica nos emvergonha e nos opprime, é simplesmente porque os republicanos não tiveram medo de morrer.

Elles tinham tudo a lucrar, porque nada tinham que perder, é certo, mas tambem não consta que nenhum morresse mais de uma vez. Outrotanto acontecerá aos monarchicos; e quanto aos seus bens, elles não correm nenhum risco—grças as celebres e sabias leis da ré publica, nunca ficarão sem herdeiros.

Nenhuma differença pois faz que morram alguns milhares de patriotas na defeza dos seus direitos: os que ficarem bastarão para deitar ao mundo que Portugal acordou do somno criminoso que dormia, enquanto os seus filhos bastardos espoliavam os legitimos, dos seus bens, e os affrontavam na sua dignidade, e que, repeto e contricto, e purificado por um acto de justiceira reparação, tem direito a viver honrado entre as nações civilizadas e livres.

Desfazendo um equívoco

Dizem os «Echos do Minho», em amavel referencia aos seus *collegas* de Guimarães, que estes defendem, com a sua campanha em prol da conveniencia de se disputarem as eleições, a *politica d'aquelles*.

Não, presado collega, nós não defendemos a sua politica, porque, com franqueza o dizemos, nunca poderemos estar d'accordo com quem quer construir uma casa começando pelo telhado.

Os «Echos do Minho» é um jornal essencialmente catholico e para o triumpho do seu credo reli-

gioso, não se lhe dá de transigir com um inimigo implacavel de todas as religiões, como impio em que a anarchia não medra. D'ahi a inutilidade das transigencias dos *catholicos incondicionaes* com os seus perseguidores.

Pelo contrario, o regimen monarchico, é um regimen de governo; elle precisa da paz, da disciplina, da ordem para poder viver.

E' por isto que nós combatemos, e da nossa victoria tirariam os *catholicos incondicionaes* tambem os seus fructos.

Nós triumpharemos com ou sem o auxilio dos *catholicos incondicionaes*, mas estes é que nunca triumpharão sem o nosso auxilio. Não querem infelizmente convencer-se d'esta verdade, a despeito de quantas provas os factos se encarregam de lhes fornecer, como ainda agora se viu, na abertura do parlamento? tanto peor para elles.

Não se atrevem os «Echos do Minho» a *confundir monarchicos e homens de ordem por poderem existir fóra de qualquer partido*. Podem, com effeito, existir fóra de qualquer partido, mas o que não podem é existir dentro do partido republicano, como dia a dia se tem visto com o tetrahimento d'uns e a deserção dos outros, dos poucos que, honestos e sinceros republicanos, esperavam da democracia vulgar a reparação dos erros da democracia real.

Rejubilam os «Echos do Minho» que os seus *collegas* de Guimarães condemnem a abstenção como elles a tem condemnado. Como elles a tem condemnado, precisamente, não. Os «Echos do Minho» tem condemnado a abstenção, porque pensam que ella prejudica as suas aspirações religiosas, em quanto os «Echos de Guimarães», se deixaram só agora de serem *partidarios da cobardia* (que aliás nunca foram, nem de cobardia nem de transigencia) e se decidiram a preconizar a necessidade de uma acção energica, o que aliás sempre esteve no espirito do modesto scriba que ao presente os dirige, é porque elles pensam, como Achilles, que vale muito mais uma morte gloriosa do que uma longa vida inutil.

E porque foi provavelmente esse o pensamento da Belgica e tambem da Servia, e porque o nosso passado nos impõe o dever de os imitar, é que d'aqui gritamos contra a abstenção, não para obtermos por misericórdia dois ou três deputados e três ou quatro camaras municipaes, para augmentarmos assim a gloria do regimen, mas para uma estrondosa victoria que por uma vez mostre aos intrusos quanto elles são odiados. Ou isto, ou nada. Queremos impôr, não queremos pedir.

Já vê pois o nosso estimado collega bracharense que não é precisamente a sua politica que defendemos, visto que tambem não é precisamente a nossa que elle *por enquanto* defende.

Mas cá o esperamos.

Isto agora é outra coisa

O snr. Brito Camacho, que ás vezes por sua alta recreação toma attitudes de oraculo, disse, já não sei quando nem a proposito de quê, para mostrar a superioridade do regimen actual sobre o monarchico: «Isto agora é outra coisa». E que isto é outra coisa, temos provas que far-te.

Para não ir mais longe, basta lembrar a liberdade de imprensa, que se está gozando nesta democracia de moderno estilo.

O snr. Brito Camacho tem o exemplo em sua casa e por ali pode avaliar que isto agora é outra coisa.

No tempo do regimen decaido que os salvadores da ultima hora lhe attribuem, tinha como principal o ser inimigo da liberdade de imprensa, a *Lucta* nunca foi perseguida. Havia até da parte d'alguns monarchicos, cujos sentimentos de tolerancia e urbanidade não tem imitadores nos adversarios de hoje, signaes de respeito e consideração para esse jornal, que, apesar d'isso, não cessava de fazer a sua propaganda por meios de correccção muito duvidosa. Pois hoje que os republicanos estão senhores do poder, accentua-se cada vez mais uma corrente de hostilidade contra o orgão do snr. Brito Camacho.

D'onde deriva essa corrente? Dos monarchicos? Não; mas d'aquelles que se jactam de republicanos e que até se ufanam de ser os mais legitimos representantes do partido republicano historico.

A *Lucta* já uma vez, pelo menos, em pleno regimen democratico, foi impedida de circular; e, para anteparar o golpe que sobre ella esteve imminente nessa ou noutra occasião, precisou de socorrer-se ao disfarce de mudar de titulo.

Como vê o snr. Brito Camacho e pelo que se tem dado com a sua pessoa de bons figados republicanos, isto agora é outra coisa.

Corre com todos os visos de verdade, que a *Lucta* tem entrado algumas vezes no plano dos jornaes condemnados ao assalto e ao empastelamento. E por causa de duvidas esse jornal tem na casa das suas installações um piquete de defeza, convenientemente municiado.

D'aqui se tiram duas clarissimas illações: que a *Lucta* não tem muita confiança na policia ou pelo menos na promptidão e sufficiencia do seu socorro; pelo que por sua conta e risco se vae prevenindo para qualquer eventualidade menos agradavel; e que nestes tempos de dominio republicano é tal a liberdade que alguns cidadãos entram sem cerimonia por uma casa alheia dentro, e por amor dos principios e homens que nos governam, destroem tudo que encontram.

Nos tempos do regimen decaido e de que o snr. Brito Camacho disse e ainda diz tanto mal, a *Lucta* viveu em paz e não precisou de se fortificar contra a visita de importunos cidadãos que á força tentassem entrar-lhe em casa.

Hoje, que a deidade da republica esparge benções por todo Portugal, o snr. Brito Camacho diz muito satisfeito, que isto agora é outra coisa.

Ora digam os meus amaveis leitores, se não ha motivos de sobra para lançar maldições sobre a ominosa Monarchia.

Emquanto ella subsistiu com a sua tyrannia e com a sua desordem, o snr. Brito Camacho vivia muito socegado na redacção da *Lucta*; dizia o que queria, criticava, malsinava e detrahia com ou sem razão, mas sempre com acrimonia e malevolencia, os seus adversarios e ninguém o incommodou nem o perseguiu. Mas agora que está estabelecido o regimen que preconizava e que ainda defende com todo o ardor, precisa de se premunir contra as *amabilidades e gentilezas* d'alguns correligionarios!

E' ou não agora outra coisa? P. ca.

SECÇÃO AGRICOLA

A questão dos Vinhos

Convocada uma Assembleia Geral da Associação dos Proprietarios e Lavradores de Guimarães para o passado domingo, 28 de novembro, para se discutir a melhor forma de obter dos poderes publicos protecção para os vinhos de producção local, só no domingo immediato, 5 do corrente, se concluiu a discussão do importante assumpto.

Foi resolvido por unanimidade reclamar da auctoridade sanitaria, por meio da auctoridade administrativa, uma rigorosa vigilancia e fiscalisação dos vinhos de consumo, á vendá no concelho.

Mas bastará isto? A' maioria da assembleia affigou-se que sim; uma pequena maioria, no entanto, entendeu que pouco ou nenhum resultado dava tal medida, e propoz que se officiasse á Camara Municipal pedindo-lhe o lançamento de um imposto sobre o vinho—legitimo ou falso, que do sul nos viesse affrontar.

Esta proposta foi regeitada pela maioria,—as maiorias são sobbetanas—mas uma vez mais o numero venceu a razão. E qual o motivo que levou a assembleia a regeitar a unica proposta de resultados viaveis?—o receio de represalias das camaras do sul contra os nossos vinhos verdes!

Os defensores do imposto ficaram vencidos, mas não convencidos, e muito ao contrario, esperam convencer os antagonistas que mais uma vez o «medo» foi mau conselheiro, e tão mau, que não os deixou ver que se os vinhos do sul veem em grande quantidade para o norte, em compensação os do norte vão em pequenissima quantidade para o sul. Parece que os nossos adversarios ignoram que o excesso da producção dos vinhos verdes sobre o consumo local, se applica quasi que exclusivamente á exportação para o Brazil; e parece ignorar tambem que o grande transitio dos vinhos do sul para o norte, é, não para consumo do norte mas para a falsificação dos vinhos do norte, verdes e maduros. Os do sul veem ao Porto buscar o rotulo e o *cheiro*, para depois serem exportados para o Brazil com o nome de vinhos verdes, e para a Inglaterra com o nome de Port Wine.

Parece ignorarem também que a forma porque no sul se explora a vinha o habilita a vender por um preço mínimo com um lucro máximo.

E parece ignorarem também que se com um producto barato se imita um producto caro, ninguém seria tolo em comprar um producto, que pelas circunstancias em que se obtém, nunca pode deixar de ser caro, pata com elle ir falsificar um artigo barato.

Mas se o não pode ir falsificar, pode ir beneficiá-lo, e nestas condições, como entraria forçosamente na composição em percentagem mínima, nunca a elevação do seu custo, por causa do imposto local que lhe lançassem, impediria a compra das quantidades necessarias.

Nesta ordem de ideias, achamos que a Assembleia Geral não foi feliz na resolução que tomou e, a menos que o Snr. Sub-delegado de saúde se não desse outra tarefa que não fosse visitar as tabernas do concelho, e ellas são tantas que nem que elle tivesse o dom da ubicuidade, poderia desempenhar cabalmente tal tarefa, nunca conseguiria impedir que uma afamada fabrica de drogas das cercanias do Porto fornecesse as tascas de vinhos e mais productos da sua honrada e lucrativa industria.

Mas admittamos que esta medida dava realmente resultado, accetemos que a Associação dos Proprietarios e Lavradores de Guimarães é uma sociedade de beneficencia e não de defeza dos seus interesses, e vejamos o que acontece: os vinhos falsificados são retirados do consumo, os seus donos são multados, e passam a vender-se os nossos vinhos, que até aqui teem dormido socegadas adegas. Mas depois? nos annos seguintes, como é que o Snr. Sub-delegado de saúde ha-de pôr fóra das tascas vinho que não é falso, mas verdadeiro e autentico vinho, que o taberneiro patriota vai buscar á Bairrada ou ao Ribatejo, e que lhe pode aqui ficar, com todas as despesas pagas, por metade do que lhe custaria o vinho produzido na localidade?

Desejariamos saber como poderá o Snr. Sub-delegado impedir que o não menos patriota commerciante por grosso, vá ao sul abarrotar-se de zurrapa, que no Porto ou Villa Nova se naturalisa Duriense ou Minhoto, e nessa qualidade vai deliciar os nossos fieis aliados ou os nossos compatriotas do Brazil, que no entanto não são tão patriotas que se resignem a successivos embustes, e não repontem com o logro, da maneira mais pratica e menos conforme aos nossos desejos, regeitando aquillo que afinal não pediram.

O que nós todos deviamos fazer, era, em lugar de contrariar a ideia do imposto sobre os vinhos de procedencia extranha, reunirmo-nos todos os que produzem um vinho typico, como é o vinho verde, e tratarmos de pedir aos poderes publicos o mesmo que o Douro ha muito reclama—que os vinhos do sul não venham affrontar os nossos na sua propria casa, que os lavradores do sul não venham fazer a nossa ruina, como teem feito a dos lavradores do Douro.

Isso sim, que teria um resultado pratico e duradouro.

Se tivéssemos confiança nos nossos dotes oratorios e nas nossas faculdades de persuasão, teriamos dito isto mesmo na Assembleia Geral. No entanto se algum d'aquelles que se não conformou com a nossa opinião quizer reflectir um pouco sobre o que acabamos de expôr e reconsiderar, poderá dar-nos a conhecer, por um simples bilhete postal, a sua opinião. Se as adhesões forem em numero a permittir-nos julgar que a nossa opinião não é tão falta de criterio, como a resolução da Assembleia deixa suppôr, immediatamente trataremos de a expôr

aos outros Syndicatos Minhotos, e, se elles a perfilharem, trabalharemos juntos para obtermos aquillo de que tanto carecemos—a protecção á nossa Agricultura.

Ao snr. Administrador do concelho mandou o snr. presidente da Associação dos Proprietarios e Lavradores, o seguinte officio, a ver se consegue de Sua Ex.^a e do digno Sub-delegado de saúde, que não sejam expostos á venda vinhos falsificados:

Ex.^{mo} Snr. Administrador do Concelho de Guimarães:—Tendo-se reunido extraordinariamente em Assembleia Geral, no passado domingo 5 do corrente, na sua sede, os membros da Associação dos Proprietarios e Lavradores de Guimarães, a que tenho a honra de presidir, para estudarem a melhor maneira de defenderem o principal artigo da sua lavoura—o vinho, da desleal concorrência, de suppostos vinhos importados de fora do concelho, foi resolvido por unanimidade chamar a attenção da Auctoridade Administrativa para o facto, de todos conhecido, de se estar vendendo neste concelho, por preços infimos, e em contradicção das regras da arithmetica, um producto que, á falta de outra prova, esta Associação não duvida em capitular de uma grosseira imitação d'aquelle que, com tantas despesas, cuidados e canceiras, se consegue extrahir da uva.

E' de todos sabido que os principaes productos da lavoura minhota são o milho e o vinho. O primeiro, pela lei de salvacão publica, está excluído da lei geral da offerta e procura; o segundo vê-se a braços com a especulação desalmada dos imitadores, que não hesitam em sacrificar á sua ganancia os interesses legitimos da lavoura e ainda os interesses sagrados da saúde publica.

Não vem esta Associação hypocritamente reclamar contra a fraude, baseada neste segundo ponto, se bem que individualmente cada membro d'ella lamenta os effeitos perniciosos que d'ahi adveem, mas sim, e muito legitimamente segundo os seus Estatutos devidamente approvados, pelo que ella affecta os seus interesses materiaes, já, por varias formas tão lesados.

Não tem a classe (que para a circumstancia represento) meios legaes ao seu alcance de impedir este verdadeiro roubo de que é victima; forçoso é portanto que a auctoridade administrativa, a quem cabe a defeza da propriedade legitima, lhe dispense a protecção que reclama.

Em nome, pois, dos proprietarios ruraes do concelho de Guimarães, largamente representados na referida Assembleia Geral, e por voto unanime, nella expresso, venho rogar a V. Ex.^a se digne ordenar á auctoridade sanitaria uma maior vigilância nos productos alimenticios á venda, especialmente áquelles que, pela sua desleal concorrência, affectam sensivelmente os interesses materiaes dos contribuintes, já por tantas formas sacrificados ao bem commum.

Guimarães, 9 de dezembro de 1915.

Saude e Fraternidade.
O presidente,
Antonio de Carvalho Cyrne.

Realizou-se ultimamente a eleição da nova direcção da Associação dos Proprietarios e Lavradores, que deu o seguinte resultado: Presidente—Antonio de Carvalho Cyrne. Vice-Presidente—Antonio Augusto da Silva Carneiro. 1.º Secretario—Thomaz Rocha dos Santos. 2.º Secretario—Dr. Antonio do Amaral Pinto e Freitas. Thesoureiro—Aureliano Leão da Cruz Fernandes. Vogaes—João Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride), dr. José Tavares de Mendonça Ferrão, José Ribeiro de Faria e Eduardo Vieira da Cruz Pinto d'Almeida.

PIOS

Recebemos de Coimbra um jornal de estudantes com o titulo «A Revolta». Não vinha endereçado ao jornalista mas ao cidadão cujo sou. Ao invés do que poderá pensar-se do titulo, é vermelho como o sangue de um magafe.

D'elle recortamos, para edificação das gentes, dois pequeninos trechos tirados ao acaso, porque não são nem melhores nem piores do que o resto. O primeiro, refere-se aos estudantes monarchicos e é, como se verá, verdadeiramente lindo:

A mocidade é para elles esse nabo fadado, guisado no panelão eucharistico e por baixo a labareda de ceras bentas, aticadas por latinorios e cartilhece farfalhada, grunhidos por bocas de marmaros e mariposas de sacristia.

O segundo refere-se a uma creança que tinha escripto numa parede uns versos mysticos, em memoria de uma irmãsita que lhe morreu:

Anjinho: voa! Não falles nesse Deus, nesse Christo, que são ladrões da consciencia, talhados em pinheiro; são roncias; são coisas feias; indecencias... olha: tão lindo! a natureza! o rio! a montanha! o sol! E' o que ha! Deus é aquillo.

Acha Deus, acha Christo coisas indecentes!

Gloriosas e grandes cabeças!... tão grandes, que não será facil encontrar cabeçadas que lhes sirvam.

Prosa do Osorio dos urinoes illustre detentor do Governo Civil do Porto:

«Todas as pessoas ricas e remediadas tem, em sua casa ou nos seus estabelecimentos industriaes ou commerciaes, um objecto qualquer, posto de lado, a que vulgarmente se chama «Mono»; pois bem, é com essa infinidade de objectos inuteis que eu conto exercer a principal obra de assistencia do fim do anno, utilizando e valorisando objectos postos á margem como inaproveitaveis.»

Pela nossa parte, se tivéssemos um osorio, davamo-lo da melhor vontade, visto obedecer ás condições do concurso: um mono inaproveitavel.

Caridade bem entendida...

Tendo a Provedoria Central da Assistencia de Lisboa feito sahir do fundo de beneficencia verbas avultadas, como subsidio aos revolucionarios de 14 de maio, anteriormente á lei de 22 de setembro e para remediar o consequente desequilibrio do respectivo fundo, por decreto, hontem publicado na folha official, foi aberto um credito extraordinario de 50.000\$000 para ter a seguinte applicação:

Provedoria — Subsidios a revolucionarios de 14 de maio, 4.000\$000; Casa Pia de Lisboa, 9.000\$000; Asylo de Mendicidade e Annexos, 3.000\$000; Asylo de D. Maria Pia, 7.000\$000; Escola Profissional, 2.000\$000; Refugio e Casas de Trabalho, 12.000\$000; Asylo de Elias Garcia, 8.500\$000; Asylo de José Estevão Coelho de Magalhães, 2.500\$000; Asylo da Ajuda, 2.000\$000.

Eis aqui uns revolucionarios faceis de contentar: com o pão dos pobres já ficam satisfeitos.

Achamos estes cidadãos absolutamente dignos de louvor pelo facto de não ser preciso separar ninguém para lhes tapar a bocca; como symbolo de moralidade de-

mocratica, não se poderia arranjar nada melhor.

Entretanto os revolucionarios de 27 d'agosto, de Braga e Guimarães, não foram tão felizes: estiveram presos mais de 3 mezes, levaram bordoadas, tiros e facadas e no fim puzeram-nos na rua sem mais ceremonias, por nada mais terem que lhes fazer.

E contudo é tão pequena a diferença entre um heroe e um pedaço d'asno! é uma questão de vencer ou não vencer.

Pulhoite, bocca d'oiro

O Snr. Cretinote do Rego que ha tempos se vinha distinguindo pelo seu silencio, abriu a bocca e sahio... o que o leitor verá se quizer lêr as 4 linhas seguintes:

Não sabe o que se passa nas chancelarias, e se o soubesse não o diria. As amabilidades que lhe dirigiram são merecidas, pois apenas se orgulha em ser um portuguez digno e amigo da sua Patria.

Não sabemos que mais admirar: se a sua exemplar modestia, se a sua noção de dignidade.

Carteira Elegante

Conversando...

Côr do "sonho!.."

A côr é um resultado da luz. Na natureza physica como no mundo espirital tudo depende da atmosfera em que os objectos são expostos ou os casos podem ser vistos:—o que hontem parecia sombrio é hoje brilhante ou fêco, conforme a luz envolvente. Passa de obcessão a prazer e de desgosto a ancia.

E assim, não ha côr fixa, nem côr que valha uma cambiante. A «nuance» é tudo!... Qual a côr predilecta? nos perguntam.

A côr que nimba o sonho, essa côr que só uma alma delicada sabe atingir e ver nella, sem muitas vezes a poder determinar; essa côr indefinivel como o momento de uma delicia ou o seu resultado, como o pungir de uma saudade ou o penar de uma tortura; essa côr que vai da esperança ao desespero, que paira na inimaginavel realidade e na realizavel phantasia...

E' a côr que irradia dos olhos da pessoa que amamos, da sua voz, do ritmo dos seus movimentos, dos seus pensamentos, dos seus carinhos e até, quer o queiramos quer não, das suas maldades...

E' essa côr que embelleza e faz com que vejamos tudo diferente, quando ella rutila ou quando mesmo produz a sombra, que é o arrufo do astro luminoso.

E' luz que luz... Não tem a pallidez do lotus, que é a flôr do esquecimento, mas o vermelho da rosa do amor divino! E' essa luz que faz com que, — como um amigo romantico um dia me disse —, mesmo aonde Ella não está, a vejamos, e que quando o sonho se possa realizar fique ainda tão cheio de brilho que dá para illuminar o sonho d'esse sonho!

Mas que luz irradia, então, essa pessoa amada? Não lhe sei a côr, mas sei, reportando-me á mesma opinião, que é uma só e que equaliza a do sol, que no espaço faz ver de mil côres o arco-iris (que é o symbolo do bom tempo...) que afinal não é mais que gottas d'agua anteriormente indistinctas, sem côr nenhuma...

José Parreira.

Festa de Caridade

Verdadeiramente chic, elegantissima e de invulgar distincção, deve ser a Festa de Caridade, para a qual está organizada uma comissão composta por algumas das primeiras individualidades da nossa terra, cavalheiros da maior posição social, conhecidos nos nosso meio elegante, e que tirando o nome do auctor d'estas linhas, constituem um grupo de pessoas distinctissimas.

Senhoras do nosso melhor escol e raparigas da escolhida sociedade, collaborarão nessa festa d'arte, imprimindo-lhe todo o encanto de que são capazes.

Sem duvida, compete-lhes grande papel, e estamos certos que farão resplandecer de uma vivaci-

dade enebriante, perfumando de graças e de encantos, a noite de alto tom, que deve ser essa, em que algumas Senhoras da nossa fina sociedade e alguns rapazes do meio chic, pisarão o palco do D. Affonso Henriques, para angariar donativos para a sympathica Officina de S. José.

Metecem os nossos louvores os sympathicos iniciadores da não menos sympathica festa, que deve marcar nos annos elegantes de Guimarães, com um cunho de extraordinario brilho e imponencia.

Casamentos

Na linda capella do solar da Castanheira, Barcellos, realizou-se o casamento da gentil e interessantissima Mademoiselle Elisa Maria de Menezes Cardoso e Silva (Godim), filha dos illustres titulares snrs. Viscondes de Godim, com o nosso sympathico amigo Mario José Teixeira Leite Ribeiro Corrêa Pinto Tameirão (Vallado), filho do nosso presado amigo e importante capitalista snr. Albano Augusto Teixeira Leite Ribeiro Corrêa Pinto Tameirão (Vallado), sendo officiante o venerando Bispo do Porto, senhor D. Antonio Barroso, que teve como assistentes os snrs. Padre Alexandrino Leituga, Padre Joaquim Gaiolas e Padre Gaspar Braz, tendo ministrado as lavandas os snrs. major Augusto Cardoso, Roberto Barbosa, Dr. Gustavo Brandão, Antonio de Sá e Mello, Camillo Castello Branco de Carvalho e Dr. Joaquim Urbano Cardoso da Silva.

Sua Santidade Benedicto XV, enviou aos noivos a Benção Papal, distincção, aliás, bem merecida, pelos predicados de coração e de espirito, que lhes constituem uma solida garantia de permanente felicidade.

Aos sympathicos noivos, que na alta roda do Norte occupam logar de destaque, enviamos os nossos cumprimentos de parabem, fazendo votos para que o futuro não desmintá o que tão ardentemente lhes desejamos.

Na terça-feira passada consorciou-se na Igreja de Nogueira, Braga, o snr. dr. Nicolau Gonçalves, medico e professor e irmão do nosso muito estimado amigo e virtuoso director da Officina de São José, d'esta cidade, Padre Domingos da Silva Gonçalves, com a ex.^{ma} Senhora D. Julia da Conceição Ferreira, sympathica prima do nosso querido amigo e importante capitalista sr. José Corrêa de Mattos.

Os noivos partiram para Vigo, onde vão passar a lua de mel. Os nossos parabens.

Adriano Tropa

Amanhã faz annos este nosso sympathico amigo.

Cumprimentamo-lo, e desejamos-lhe tantas felicidades, quantas as suas boas qualidades, o seu excellentes caracter e educação merecem.

Da praia da Granja, onde esteve gravemente enfermo, retirou para a capital o nosso venerando amigo, antigo e illustre ministro da Côrta snr. Conselheiro Jacintho Candido da Silva.

Acompanhada de sua interessante filha, Mademoiselle Maria Izabel, esteve em Guimarães, de passagem para Vianna do Castello, a ex.^{ma} Senhora D. Sebastiana Vianna da Silva Ferreira, importante capitalista de Amarante.

Acompanhado de sua ex.^{ma} familia, partiu para a capital o nosso illustre amigo snr. dr. Pedro de Barros.

Estiveram em Braga, onde foram assistir ao casamento

de uma prima, as nossas gentilíssimas patricias Mesdemoiselles Maria do Espírito Santo e Maria da Conceição Corrêa de Mattos.

Esteve no Porto a ex.^{ma} Senhora D. Lucia Sequeira Braga Leite de Faria, virtuosa esposa do nosso querido amigo e illustre clinico snr. dr. Antonio Baptista Leite de Faria.

Naquelle mesma cidade esteve a ex.^{ma} Senhora D. Laura Costa, dedicada esposa do nosso presado amigo e antigo presidente da Camara snr. Alvaro da Costa Guimarães.

Com sua ex.^{ma} familia, esteve naquella mesma cidade o nosso amigo e importante industrial snr. Simão da Costa Guimarães.

De Mattosinhos, regressou a Santo Thyrsos a ex.^{ma} Senhora D. Gracinda Trepa, sympathica filha do snr. Francisco Trepa.

Esteve doente, mas felizmente já se encontra restabelecido, o nosso querido amigo e dedicado correligionario snr. José Alves da Cunha.

Da Ilha das Flores, onde é meritissimo juiz de Direito, vem por todo este mez á Metropole, em goso de licença, o nosso estimado amigo snr. dr. Eduardo Coelho.

Encontra-se completamente restabelecido d'uma desastrosa queda que deu d'uma motocycleta, o nosso querido e sympathico amigo Amadeu Sampaio (São João de Vez).

Para a sua causa do Souto, retirou ha dias de Villa Nova de Sande, o nosso presado amigo e opulento capitalista snr. Borges d'Araujo.

Esteve em Guimarães o nosso estimado amigo snr. João José Mendes Guimarães.

Vimos em Guimarães o illustre advogado e nosso querido amigo snr. dr. Assis Teixeira.

NOTICIARIO

Immaculada Conceição

Em todas as terras do paiz, desde as mais sertanejas até á sua opulenta capital, se effectuaram festividades religiosas em honra da Augusta Padroeira.

Com mais ou menos pompa, com mais ou menos brilho, mas com a mesma Fé e com a mesma esperança, foram levantadas, em toda a parte, preces fervorosas á excelsa Padroeira de Portugal, rogando-lhe a paz d'estes dominios e implorando á Virgem da Conceição, a protecção para esta terra, que de norte a sul e de nascente a poente, é toda ella, um monumento de amor á Virgem, que em 1 de dezembro de 1640, foi acclamada, por El-Rei o Senhor Dom João IV, Padroeira do Reino.

E o povo portuguez, crente de sempre, fervoroso de sempre e cada vez mais catholico e mais tradicionalista, festejou este anno, com pompa, com brilho e o maior luzimento o dia 8 de dezembro, proclamando mais uma vez, dentro dos seus melhores templos, a Virgem Immaculada, Padroeira de Portugal.

E Guimarães, o berço da Monarchia, o principio da Nacionalidade, cumpriu para com a Senhora da Conceição o seu dever, fazendo vestir das melhores galas o magestoso templo de S. Francisco, promovendo-lhe alli uma imponente festividade.

Fei orador o nosso querido amigo Padre Gaspar Roriz, que produziu um discurso verdadeira obra prima de religiosidade, de fé e de litteratura.

Teve passagens brilhantes, verdadeiramente imponentes, arrebatando o auditorio, que ao par de ser numeroso era selectissimo, contando-se, entre elle, innumeras Senhoras da nossa melhor sociedade.

A seguir ao sermão, realizou-se o «Te-Deum», terminando a festividade com a benção do SS. Sacramento.

Mas não se resumiu nisto a commemoração do dia 8 de dezembro. Em todos os templos, desde madrugada até alta manhã, abeiraram-se da Sagrada Mesa Eucharistica milhares de vimezanenses, dando assim, mais uma vez, a prova da sua Fé e da sua Crença e mostrando que na Communhão está bem a unica esperança e o unico combate dos catholicos.

Haja perseguições, vexames e atropellos á consciencia, o que nunca ninguém, absolutamente ninguém, poderá conseguir, é que essas manifestações de Fé terminem, porque alli, na Hostia Sagrada, está a força da nossa alma e da nossa vida.

Reside em Christo Sacramento a nossa verdadeira vida, e sem Elle, não teriamos coragem para supportar as durezas de uma vida má, a que nos sujeitam, com Christo Sacramento, com a Historia Santa, temos força para resistir até ao fim, orando a Deus pela conversão dos peccadores, pela paz do mundo, pela extirpação das heresias e pela felicidade entre os principios christãos!

E' assim a Religião Catholica! Grande consolação é a nossa, ao contestarmos, que quanto maior é a perseguição á Igreja, maior é o nosso fervor e mais santas as preces que elevamos ao Céu!

E com a consciencia tranquilla, com a paz dentro de nossas almas, os catholicos portuguezes, louvam-se mutuamente, orando a Deus a conversão dos seus verdugos, entes miseraveis, bem dignos de dó e portanto igualmente bem dignos das suas orações, já que é preceito orar e perdoar aos nossos inimigos.

Sublime Religião, Religião de paz, Religião de amor, que sempre com o perdão na bocca, atravessa gerações e gerações, ensinando ao mundo o verdadeiro e unico caminho da civilização!

Sublime, grandiosa Religião a nossa, que manda sempre perdoar aos que nos maltratam, levando ainda mais longe a sua generosidade:—orar, orar, orar sempre pelos que nos perseguem!

Foi isto que se fez em 8 de dezembro!

E' isto que se repete todos os dias, desde 1 de janeiro a 31 de Dezembro!

D. Manuel Vieira de Mattos

Em consequencia de um processo que corre na Guarda, teve de prestar fiança no tribunal de Braga, o venerando Prelado d'esta Archidiocese Senhor D. Manuel Vieira de Mattos.

Beijando o anel de Sua Ex.^a Rev.^{ma}, respeitadamente o cumprimentamos.

Dr. Rocha dos Santos

Partiu de novo para a capital, na quinta-feira passada, a tratar de assumptos que se prendem com os seus serviços de fóro, o nosso antigo director e illustre juriscultor snr. dr. João Rocha dos Santos.

Sua Ex.^a deve regressar em meados da semana proxima.

«O Transmontano»

Completo 4 annos o n'osso presado collega *O Transmontano*, de Villa Pouca d'Aguiar.

Cumprimentamos o collega e desejamos-lhe uma longa vida e... felicissima.

Um gesto ativo

O conhecido e arrojado monarchico snr. dr. Almiro de Vasconcellos, dirigiu ao ministro da guerra o seguinte requerimento:—«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Ministro da Guerra.—Almiro José Pereira de Vasconcellos, tenente miliciano de artilharia n.º 4, julgando imprescindivel fundamentar este requerimento, vem, com toda a lealdade, declarar a V. Ex.^a que, sendo monarchico irreductivel e esperando de ha muito ser separado do quadro dos officiaes, a que pertence, por varias circunstancias, que publicamente se tem desenrolado, e que deram todo o direito a que sobre si recalissem as suspeitas necessarias e sufficientes para ser abrangido pela lei do afastamento dos funcionarios, e julgando-se, pelo menos, com tantos direitos de dever ser por ella attingido, como os seus camaradas por ella, ultimamente separados: vem, com todo o respeito que os seus principios lhe impoem pelas leis e auctoridades pedir a V. Ex.^a, snr. Ministro da Guerra, a sua demissão de official do exercito, esperando de V. Ex.^a o deferimento que é de justiça e a que se julga com direito—(a) Almiro José Pereira de Vasconcellos».

O jornal, d'onde transcrevemos esta bella affirmação d'um grande caracter, diz que o snr. dr. Almiro de Vasconcellos fôra punido pelo Trepoft portuguez, com dez dias de prisão correccional. Felicitamos o illustre prisioneiro da praça de Valença do Minho por mais este galardão que tão bem fica ao seu primoroso caracter.

Conde de Azenha

Como dissemos no ultimo numero, falleceu confortado com os Sacramentos da Igreja, o nobre fidalgo, da mais fina linhagem, snr. Conde de Azenha.

Muito intelligente e de um trato finissimo, o Conde de Azenha era pae do snr. Martinho d'Almada e do nosso querido amigo Bernardo d'Almada, rapaz que muito estimamos e a quem nos prendem laços de verdadeira estima.

Os funeraes do illustre finado realizaram-se no vasto templo da V. O. T. de S. Francisco, que ostentava a mais vistosa e rica decoração que alli temos visto, não só pelo bom gosto da ornamentação como pela profusão de lumes.

O cadaver do mallogrado vimezanense, encerrado em rico caixão de velludo, pousava numa elegante eça, ladeada por tocheiros, serpentinas de prata, grande numero de coroas e bouquets.

Os actos religiosos, que foram acompanhados a grande orchestra, foram presididos pelo illustre orador sagrado e digno commissario da Ordem snr. Padre Gaspar da Costa Roriz.

Fechou o caixão e dirigiu o funeral o sobrinho do finado e nosso querido amigo snr. Domingos Correia Leite (Azenha) e ás borlas seguraram, em 5 turnos, os seguintes cavalheiros:

1.º—Dr. Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride), Antonio Leite de Castro, Dr. Antonio Baptista Leite de Faria, D. José Ferrão, Dr. Joaquim José de Meira e Dr. Antonio Portas.

2.º—Dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães, Dr. Antonio Coelho da Motta Prego, Dr. Pedro de Barros, Antonio Cayres Pinto de Madureira, Dr. Mattos Chaves e tenente Duarte Fraga.

3.º—Luiz Martins de Queiroz Montenegro (Minotes), Dr. Antonio de Amaral Pinto e Freitas, Gaspar Ribeiro da Silva e Castro, Manuel Victorino da Silva Guimarães, José Figueiras de Sousa e Antonio Carneiro.

4.º—Antonio de Carvalho Cyrne, Dr. Moura Machado, José de Pina, José Pinheiro, Antonio de Freitas Ribeiro e Thomaz Rocha dos Santos.

5.º—Visconde de Viamonte da Silveira, Bernardo de Magalhães, Abilio Fernandes Azenha, Jeronymo d'Almeida, Fernando Lindoso e José Neves Pereira.

Conduziram coroas os snrs.: Adriano Trepa, Dr. Adelino Jorge, Dr. Alberto Jorge, Dr. Fernando Chaves e Paulo Lobo Machado (Nespereira).

Renovando os nossos cumprimentos á familia anojada, pedimos aos nossos leitores uma prece por alma do illustre morto.

Hontem, ás 11 horas da manhã, rezou-se na Igreja da Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, a missa do 7.º dia, tendo ao acto assistido a familia em lucto e pessoas das suas relações e amizade.

Hospital da Misericordia

Nota do movimento de doentes no mez de novembro de 1915:

Doentes existentes no dia 31 de outubro: homens, 55; mulheres, 84; total, 139.

Entrados durante o mez: homens, 69; mulheres, 78; total, 147.

Sahidos—curados: homens, 42; mulheres, 41; total, 83. Melhorados: homens, 17; mulheres, 36; total, 53. No mesmo estado: homens, 4; mulheres, 4; total, 8.

Fallecidos: homens, 8; mulheres, 8; total, 16.

Existentes no fim do mez: homens, 53; mulheres, 73; total, 126.

Consultas no banco: homens, 138; mulheres, 199; total, 337.

Curativos no banco: homens, 154; mulheres, 208; total, 362.

Medicamentos concedidos a doentes pobres externos, gratis, 294.

«A Paz»

Com o numero 152 iniciou o seu quarto anno de publicação este nosso presado collega catholico, que a esta causa tem prestado bons e relevantes serviços. Saudamo-lo effusivamente.

Bemvindos

Das cadeias da Relação do Porto com transito pelo Aljube e esquadra policial d'esta cidade, chegaram, na passada 2.ª-feira, ao seio de suas familias, os presos politicos que a famigerada *formiga branca* cá do burgo, levou—á laia de quem presta serviços á ré publica—até áquellas ignobes prisões.

Não julguem os nossos caros leitores que estes honrados presos foram tratados como em qualquer parte do mundo, até em Marrocos, se trata qualquer preso mesmo de delicto commum.

Estes *desinteressados defensores* da ré publica—chamamos-lhes *desinteressados* porque elles não querem nem empregos nem gorjeta—não se contentaram em tirar aos presos a sua liberdade, fizeram mais e peor! A uns, anavalharam-nos pelas costas (fraternidade ré publicana)—a outros, espancaram-nos já dentro das prisões (hospedagem democratica), e a todos encheram de doestos e injurias (cortezia dos tempos *luminosos*)!!! Que infamissimo processo o dos *taes defensores*... Que miseraveis...

O que dirão elles agora á soltura d'estes nossos correligionarios? Como elles se devem sentir vexados e atirados para o desprezo publico! Tanta casa ao desamparo e tanta lagrima que esses

militões barbedos fizeram chorar! Inuteis e ridiculos foram esses manejos da *formiga vimezanense*, e ali está a decisão do tribunal militar a confirmar as nossas palavras. Triste figura! Vamos archivar, neste jornal, o nome de todos os presos politicos restituídos á liberdade, e fazemo-lo para lhes prestar as nossas homenagens.

São elles:—Manuel Martins Ribeiro da Silva, Antonio Martins da Silva, Antonio Ferreira de Mello Guimarães, José Cardoso da Silva, José Alves Gomes de Abreu, Antonio Carreira, João Lopes, Francisco José Fernandes, Joaquim José Pereira, Pedro de Freitas, João de Feitas, José Lima da Silva, Custodio Lopes, Jeronymo Vicente da Costa, Domingos Martins, Antonio da Silva, Miguel Ribeiro, Antonio Ribeiro, Joaquim Ribeiro, Sebastião Ribeiro da Costa, Francisco de Castro Casaes, Domingos Gonçalves, Antonio Fernandes Pereira, José Machado de Oliveira, Manoel Fernandes Rademacker e Maximino José Ribeiro.

Restabelecendo a verdade

... Snr. Redactor do *Echos de Guimarães*:

No n.º 262, do semanario a *Alvorada*, d'essa cidade, e sob o titulo *A greve textil no Pevidem*, fazem-se affirmações nada verdadeiras, o que mais uma vez vem provar a leviandade com que certos gazeteiros costumam fazer jornal.

Sob o sub-titulo «Um official fora dos eixos» a *Alvorada* falta á verdade, affirmando que o illustre commandante da força de infantaria, aqui destacada, estava hospedado em casa de um industrial em litigio com os grevistas.

E' verdade que o official em questão, estava realmente hospedado em minha casa, mas o que é *redondamente falso* é que os industriaes apontados estivessem em litigio, pois *já tinham cedido ás reclamações operarias*, estando, portanto, a sua fabrica em laboração.

Mas, não era apenas, ... snr. Redactor, o illustre commandante d'infantaria, meu hospede. Foi o igualmente o não menos illustre official de cavallaria, que commandava as praças aqui destacadas.

Agora, deixe-me ... snr. redactor, manifestar-lhe a minha estranheza, ante o facto, de um escriba qualquer, vir para a gazeta dar conselhos a pessoas que pela sua illustração, intelligencia e bom senso, sabem perfeitamente conduzir-se.

Nestas condições está sem duvida o digno official d'infantaria aqui destacado, que sendo um militar brioso, foi escrupulosissimo no desempenho da sua missão, motivo porque *todos*, quer patrões, quer operarios, não deixam de louvar o seu correcto procedimento.

E, pôsto isto, resta-me agradecer a V... o espaço que lhe roubo, testemunhando-lhe toda a minha consideração e respeito.

De V... etc.

Pevidem, 11 de dezembro de 1915.

Albino Mendes Ribeiro Guimarães.

Dinheiro a juros

Dá-se a juro, com hypotheca, uma avultada quantia, junta ou em parcelas, não inferiores a 1.000\$00.

Quem pretender pode dirigir-se ao notario Gaspar Ribeiro, com cartorio nesta cidade, á rua 31 de Janeiro, (antiga rua de Santo Antonio), n.º 25.

Mercearia e Confeitaria Andrade

32, Largo da Oliveira, 33
Guimarães

Virgilio Vieira d'Andrade participa a todos os seus amigos e aos freguezes habituaes da casa, que acaba de tomar de trespasse a antiga Confeitaria Fernandes, ao largo da Oliveira, onde todos encontrarão completo sortido de artigos de mercearia de 1.^a qualidade, e de confeitaria, como: sonhos, tortas, sardinhas de doce, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, frutas secas e caldeadas, etc., etc.

Recebem-se encomendas de doce de prato, o qual se fornece com a maxima perfeição e acceio.

Vinho tinto delicioso; cervejas e gasosas.
Apetitosos petiscos;
excellente queijo da Serra e flamengo.

Travessa do Monte Pio, á Senhora da Guia.

Preços rasoaveis.

NOVA OFFICINA DE LATOARIA E FUNDIÇÃO DE METAES

GUIMARÃES & LOBO

122, Rua D. João I, 124
GUIMARÃES

Encarregam-se de canalisações para agua e gaz, interiores e exteriores, tanto em chumbo como em ferro, e todos os trabalhos da sua arte, tanto nesta cidade como fóra. Executam trabalhos em metal, taes como:
Lanternas e gazometros para automoveis, em cobre; alambiques para destilações, tanto antigos como modernos; e em chapa de ferro estanhada e por estanhar e fundição de metaes. Garante-se a solidez e perfeição.
Fabricação de alambiques e apparatus em todos os systemas
Compram e vendem metaes velhos de todas as qualidades

Novidade litteraria

O VALOR DA RAÇA

Introdução a uma Campanha Nacional

Por ANTONIO SARDINHA

(Antonio de Monforte)

Como apresentação inserimos os titulos dos capitulos d'este monumental trabalho de investigação historica e primor de litteratura portugueza:

A Verdade Portugueza
A hypothese do Homo Europæus
O genio occidental
O espirito da Atlantida
A theoria da Nacionalidade
Integralismo Lusitano

Um volume de 210 paginas em bom papel, grande formato, 600 reis

Accresce o porte do correio, 50 reis

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos acompanhados da respectiva importancia aos

Editores:

Almeida, Miranda & Sousa, Ltd.

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135

LISBOA

LIVRARIA RELIGIOSA

Annexa á

Papelaria e Typographia Minerva Vimaranesa

68, Rua de Payo Galvão, 72

GUIMARÃES

LIVROS A VENDA:

Os Benefícios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 60 paginas, em 8.^o.
Em brochura... 50 réis
Cartonado... 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 64 paginas, em 8.^o.
Em brochura... 50 réis
Cartonado... 100 "

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um vol. de 112 pag., em 8.^o.
Em brochura... 100 réis
Cartonado... 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á Missa? Opusculo altamente louvado por S. Santidade Pio X, traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria e publicado com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. 32 paginas, em 8.^o-2.^a edição.
Avulso, franco de porte: 80 réis
Para propaganda, por cada 10 exemplares, pelo correio, 225 réis. De 100 exemplares para cima, cada um, franco de porte, 20 réis.

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. Um folheto de 32 paginas, em bom papel:

Preço... 20 réis

Pelo correio, por cada 5

exemplares... 10 "

Pedidos acompanhados da importancia, a Antonio Luiz da Silva Dantas.

NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos erros commettidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acêrca dos Farias, de Barcellos.

A' venda na Papelaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.
PREÇO 800 RS.

"Portugal Filatelico"

Interessante revista mensal illustrada muito util aos colleccionadores de sellos e postaes illustrados. Larga informação e muito divulgada em todos os paizes.

Assignatura por anno 400 reis.

Todos os colleccionadores devem pedir hoje mesmo um numero «specimen» que se remette gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administracão: Campo de Sant'Anna, 110—Braga. (6)

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

pregado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opusculo, precedido da narraçao do

interessante episodio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pedidos á Typ. Minerva Vimaranesa
R. Payo Galvão—Guimarães.
Pelo correio 65 rs.

O que todos devem saber

Revista semanal illustrada

Director: FRANCISCO DE ALMEIDA

Auctor do Diccionario das Seis Linguas

BASES DA PUBLICAÇÃO

O que todos devem saber sabirá todas as semanas, em 8 paginas de texto acompanhadas de uma pagina artistica impressa em papel couché

ASSIGNATURA

Paga no acto da entrega

Numero avulso... 40 rs.
Tomo de 32 paginas... 160 "

Paga adeantadamente

Por anno—52 n.^{os} formando um volume de 416 pag.. 1\$500 rs.
Por semestre—26 n.^{os}... 800 "
Por trimestre—13 n.^{os}... 450 "

Não se enviam quaesquer exemplares, nem se tomam assignaturas que não venham acompanhadas da sua importancia, afim de evitar embarçoes ao serviço da administração

ANNUNCIOS

Preços convencionaes

Como vantagem proporcionada aos assignantes, a Empreza facilitar-lhes-ha gratuitamente os preços de machinas, ferramentas e productos de qualquer genero que na publicação forem annunciados por fabricantes e constructores, quer nacionaes quer estrangeiros. Da mesma forma responderá ás consultas que se lhe dirijam relativas a assumptos geraes, e encarregar-se-ha da compra de machinas, apparatus, instrumentos, etc., portuguezes e estrangeiros, devendo as suas importancias ser antecipadamente remetidas em vale do correio.

Na rubrica—CORRESPONDENCIA—estará em relação com todos

os seus assignantes e leitores

Redacção e Administracão

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135—LISBOA

Editores: ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD.

Ultima novidade scientifica

Qual é a forma da Terra?

POR

Mariotte

O livrinho "Qual é a forma da Terra?", que constitue o primeiro volume da nova collecção *Sciencia Popular*, destina-se a expor ao grande publico a historia do grande problema scientifico da forma do nosso planeta, ainda hoje objecto de grandes discussões. Eis o summario dos capitulos:

I A imagem do mundo dos antigos

Um problema cuja historia se perde na noite dos tempos.—A imagem da Terra entre os gregos.—A imagem da Terra durante a Edade-Media.

II

Theoria da esphericidade da Terra

Observações que mostram a rotundidade da Terra.—As primeiras medidas das dimensões da Terra.—Colombo, Magalhães e o problema da forma e dimensões da Terra.—Principio da medida d'um arco de meridiano.—O Padre Picard verdadeiro fundador da geodesia.

III

O achatamento terrestre

O problema do achatamento por ar posto pelas theorias de Newton e pelas obser-vações de Richer.—Uma controversia celebre: cassinistas e newtonistas.—Valor do achatamento polar. Systema metrico.

IV

A forma da Terra e as oscillações do pendulo

O pendulo e as suas leis d'oscillação.—Efeito da força centrifuga.—As variações da intensidade da gravidade reconhecidas pelo pendulo.—Formula de Clairaut.—Anomalias da gravidade.—O geoido.

V

Theoria tetraedrica da forma Terra

Principio do systema tetraedrico.—Consequencias geographicas da forma tetraedrica.—Torção do tetraedro terrestre. Depressão intercontinental.—A theoria tetraedrica e as anomalias da gravidade.—A theoria tetraedrica e a distribuição dos tremores de terra e dos vulcões na superficie terrestre.

Um volume de 100 paginas, illustrado com 19 gravuras, 200 réis

Editores—ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha
Anno... 1\$800 rs.
Semestre... 650 "
Trimestre... 350 "
Estados U. do Brazil (anno)... 2\$000 "
Paizes da União Postal... 2\$500 "
Numero avulso... 30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

(Pagamento adeantado)

Annuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetições, por linha... 20 "
Permanentes, contracto convencional.
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um... 100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.
Annuncios, não judiciaes, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.

Echos de Guimarães

II Anno

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Num. 91

Ex.^{mo} Snr.